

Editorial

Para todos da linha de frente um saudoso abraço

Marco Orsini

Médico e Professor Adjunto da Universidade de Vassouras e Universidade Iguazu

Editor Científico da Revista de Saúde

Desde a eclosão da pandemia pela COVID-19 tornou-se mais contundente a força das equipes interdisciplinares. A vulnerabilidade dos profissionais de saúde contra as novas cepas e re-infecções não os impede de diariamente deixar um pouquinho deles para a população; alguns deixam suas próprias vidas. Essa semana fui “auscultado” por Mauricio Sant Anna Júnior (um exímio fisioterapeuta que cuida de mim), pois meu sentimento é de asfixia e dispnéia frente à covardia com que toda a população é exposta. Também soa diferente um editor-chefe, médico, de uma renomada revista de saúde não ser ateu. Eu, realmente, sempre acreditei em Deus. Quem são os verdadeiros profissionais que atuam na linha de frente? Seria enorme a lista de descrição de profissões, mas jamais podemos nos esquecer dos técnicos de enfermagem, auxiliares de serviços gerais, balconistas, recepcionistas, motoristas de ambulância, policiais, vigilantes e por aí segue. Esses vão encontrando, nos próprios olhares, formas genuínas de sorrir, de proteger e ofertar cuidado. Nosso povo nunca precisou de tanto cuidado como nos dias atuais: nos falta amor, liderança, dignidade, afeto e compaixão.

É notório que essa pandemia tornou-se politizada – na verdade sempre foi. Isso pouco teria importância, desde que não vitimasse e/ou incapacitasse física e mentalmente milhões de Brasileiros. Esses que pagam seus impostos, que lutam para colocarem seus filhos nas escolas, que geram empregos, que são empregados e essas coisas que não valem para nada na atualidade. Nada que nos propusemos a fazer de bom, enquanto seres humanos que aqui habitamos, parece ser valorizado. Essas pessoas que hoje fazem o mal, que sorriem das lágrimas, que gozam com o sofrimento outrora tinham vergonha à luz do dia. Hoje, são bestas travestidos de grandes intelectuais e plenos de verdade.

Por falar em verdade, como está difícil ouvi-la. Existe uma espécie de cárcere privado da linguagem da população. O discurso de “É imprescindível que sejam feitas avaliações de impacto das políticas públicas para se evitar um agravamento da crise econômica e social”, já encheu o nosso saco. Em um mundo ideal, todos deveriam fazer o dever de “ficar em casa”. Mas isso não seria possível, pois nossa população morreria de fome. A realidade (sanitária, ética e moral) do Brasil, neste momento, está ainda mais distante do ideal e por isso não comporta essa possibilidade. E, por favor, não culpemos somente os gestores. Culpemos-nos também, pois somos no mínimo, cúmplices de uma tragédia anunciada. Tomos nós, sem tirar nem por...de alguma forma estamos errando. Vamos parar de estampar nossos títulos e “benfeitorias” acadêmicas...essas coisas que a sociedade adora...passemos a olhar e efetivamente fazer para o outro.

Dedico, se for-me permitido, esse editorial aos meus filhos João e Bento. O papai é terrivelmente apaixonado por vocês, mas também por todo o nosso povo.

Vassouras, julho de 2021.